

# A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

Marcelo Máximo Purificação  
Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
Lucineide Maria de Lima Pessoni  
(Organizadores)



# A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

**Marcelo Máximo Purificação  
Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
Lucineide Maria de Lima Pessoni  
(Organizadores)**

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021



**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido



Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrááo Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis



Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
 Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
 Lucineide Maria de Lima Pessoni

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

l61 A interlocução de saberes na antropologia 3 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Lucineide Maria de Lima Pessoni. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-709-3

DOI 10.22533/at.ed.093211301

1. Antropologia. 2. Saberes. I. Marcelo Máximo Purificação (Organizador). II. Maria Filomena Rodrigues Teixeira (Organizadora). III. Lucineide Maria de Lima Pessoni (Organizadora). IV. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.



## APRESENTAÇÃO

“ (...) A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (HAESBAERT, 2004: p.138).

Prezados/as leitores/as, apresentamos a vocês a obra: “A Interlocação de Saberes na Antropologia 3”, organizada a partir da perspectiva dialógica de estudos desenvolvidos por pesquisadores/investigadores do Brasil, Portugal, Moçambique e Uruguai. Uma obra perpassada por temas amplos e alargados dentro do ponto de vista da antropologia e áreas afins, dos quais citamos: etnógrafos, etnicidade, ancestralidade, cultura, comunidade quilombola, consumismo, Estado, gêneros, identidade étnica, dependência química, experiência multissensorial, jovens, mudanças climáticas, natureza, mar, sexo, ontologia tsonga- tumbuluko, recursos naturais, redes locais de cuidado, saber profissional, transexualidade, virada ontológica e etc.

Organizada em treze capítulos, que possibilitam o encontro de saberes, vistos a partir da lupa de artefatos históricos, sociais, culturais e políticos, estabelecendo liames com a antropologia numa perspectiva crítica e reflexiva. Pesquisas elaboradas nessa natureza (crítica/reflexiva) interligando saberes antropológicos, têm grande potencial de (des/re) territorialização de novos saberes, como bem afirma Rogério Haesbaert (2004)<sup>1</sup> Esses novos saberes, vistos pelo viés da antropologia reverberam discussões que podem colaborar para conhecimentos limítrofes às racionalidades, as sociedades e as culturas. Isto dito, desejamos a todos/as, uma boa leitura. Que os textos, contidos nesta obra, possam possibilitar a vocês leitores/as movimentos reflexivos constantes e novos conhecimentos.

Dr. Marcelo Máximo Purificação  
Dra. Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
Dra. Lucineide Maria de Lima Pessoni

---

<sup>1</sup> HAESBAERT, Rogério (2004): O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à Multiterritorialidad.: Bertrand Brasil. Anteriormente citado na epígrafe dessa sessão.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CONSTRUIR SABER PROFISSIONAL DE TERRENO COM JOVENS ETNÓGRAFOS SOCIAIS	
Telmo H. Caria	
DOI 10.22533/at.ed.0932113011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
DIÁLOGO ENTRE ANCESTRALIDADE FEMININA, SÍMBOLOS E ETNICIDADES	
Viviane Sales Oliveira	
Marise de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.0932113012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
“É MUITA FALTA DE IMAGINAÇÃO”: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE A (NEO)MATERIALIZAÇÃO DO SEXO E DO ESTADO A PARTIR DE PROCESSOS JURÍDICOS DE RETIFICAÇÃO DE NOME CIVIL E DE GÊNERO EM PORTO ALEGRE/RS	
Lucas Riboli Besen	
DOI 10.22533/at.ed.0932113013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
APLICANDO A VIRADA ONTOLÓGICA NA GOVERNANÇA CLIMÁTICA: O CASO DA AMAZÔNIA	
Fronika Claziena Agatha de Wit	
DOI 10.22533/at.ed.0932113014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
EMBATE ONTOLÓGICO ENTRE A INSTITUIÇÃO MÉDICA EM MOÇAMBIQUE E AS PRÁTICAS DE CURA TSONGA	
Nosta da Graça Mandlate	
DOI 10.22533/at.ed.0932113015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
ETNOGRAFIA: A PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS- SALGUEIRO/PE	
Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.0932113016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
HABITANDO LA COSTA Y EL MAR: UN ESTUDIO SOBRE MARITIMIDADES EN EL ESTE DE URUGUAY	
Leticia D'Ambrosio Camarero	
DOI 10.22533/at.ed.0932113017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>97</b>
INTERFACES ENTRE GÊNERO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: TRAJETÓRIAS	

MASCULINAS

Janine Targino

DOI 10.22533/at.ed.0932113018

**CAPÍTULO 9..... 112**

**“MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA”: GÊNERO E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO**

Juliana Abonizio

Eveline dos Santos Teixeira Baltistella

Susana Gonçalves Costa

DOI 10.22533/at.ed.0932113019

**CAPÍTULO 10..... 124**

**NATUREZA E CULTURA: DO AUSTRALOPITHECUS AO HOMO SAPIENS SAPIENS E AO “HOMO CRETINENSIS”**

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.09321130110

**CAPÍTULO 11 ..... 139**

**REDUCCIONISMO CONSUMISTA: ANTROPOLOGIA EM RISCO**

Manoel Cambuim de Lima

Jacir Alfonso Zanatta

DOI 10.22533/at.ed.09321130111

**CAPÍTULO 12..... 152**

**ENVELHECIMENTO E DOENÇAS CRÓNICAS: DAS VULNERABILIDADES À FRAGILIDADE**

Marta Maia

Oswaldo Matavel

DOI 10.22533/at.ed.09321130112

**CAPÍTULO 13..... 158**

**ESTIGMA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA. MULHERES QUE VIVEM COM VIH NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE**

Oswaldo Matavel

Marta Maia

DOI 10.22533/at.ed.09321130113

**SOBRE OS ORGANIZADORES ..... 165**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 167**



# CAPÍTULO 8

## INTERFACES ENTRE GÊNERO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: TRAJETÓRIAS MASCULINAS

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 05/11/2020

**Janine Targino**

Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Política do Instituto Universitário de Pesquisas  
do Rio de Janeiro (IUPERJ/UCAM)  
Rio de Janeiro-RJ  
<http://lattes.cnpq.br/4168501153374570>

Esta pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

**RESUMO:** O presente artigo pretende analisar a trajetória masculina no que tange à dependência química de drogas lícitas e/ou ilícitas. Para tanto, serão analisados os relatos de vinte e cinco homens em tratamento contra a dependência química em duas comunidades terapêuticas localizadas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Nota-se que as trajetórias masculinas no uso problemático de entorpecentes são marcadas por peculiaridades que merecem atenção especial em pesquisas dedicadas ao tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Drogas; Dependência Química; Trajetórias Masculinas.

### INTERFACES BETWEEN GENDER AND CHEMICAL DEPENDENCE: MALE TRAJECTORIES

**ABSTRACT:** This paper intends to analyze the male trajectory regarding the chemical dependence of licit and / or illicit drugs. To do so, we will analyze the reports of twenty five men in treatment against chemical dependence in two therapeutic communities located in the metropolitan region of Rio de Janeiro. It is noticed that the male trajectories in the problematic use of narcotics are marked by peculiarities that deserve special attention in research dedicated to the subject.

**KEYWORDS:** Drugs; Chemical Dependency; Male Trajectories.

### 1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende analisar a trajetória masculina no que tange à dependência química de drogas lícitas e/ou ilícitas. Os dados apresentados são provenientes, sobretudo, de extensa observação de campo e de entrevistas semiestruturadas com homens adictos em tratamento em dois diferentes períodos: entre os anos de 2010 e 2014, quando realizei quinze entrevistas, e entre os anos de 2015 e 2017, quando mais dez entrevistas foram feitas com a intenção de obter mais informações para o aprofundamento da análise.

Tais entrevistas foram realizadas em duas comunidades terapêuticas<sup>1</sup> (CT's) dedicadas

<sup>1</sup> De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2006), as comunidades terapêuticas constituem locais estruturados, geralmente

exclusivamente ao tratamento do público masculino e localizadas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Em função dos objetivos deste artigo, ao longo do texto irei me referir a estas comunidades terapêuticas apenas como “CT 1” e “CT 2”, sem me aprofundar nas características específicas ao tratamento por elas proposto.

A opção por entrevistar indivíduos em tratamento em CT's deu-se em função da possibilidade ampliada de encontrar nestes lugares o perfil de indivíduos sobre o qual se dedica a pesquisa. Os internos entrevistados tinham entre 21 e 55 anos de idade, sendo 12 deles separados/divorciados, 6 casados e 7 solteiros. Em relação à escolaridade, a maioria deles (14 indivíduos) não tinha completado o ensino fundamental, enquanto 5 deles tinham concluído o ensino fundamental, 3 possuíam ensino médio incompleto, 2 tinham ensino médio completo e apenas 1 deles relatou ter ensino superior incompleto.

Diante dos dados coletados ao longo da pesquisa de campo, tornou-se clara a necessidade de organizar tais informações de acordo com uma perspectiva de análise que deliberadamente considerasse o gênero dos indivíduos em tratamento como um fator primordial. Assim sendo, este artigo está dedicado à apresentação desta perspectiva. Através dos relatos de homens adictos em tratamento foi possível ilustrar como diferentes trajetórias marcadas pela dependência química revelam vários pontos em comum quando o gênero é adotado como norteador da observação.

Enquanto instrumento orientador da análise, optei por aplicar a definição de *droga* veiculada pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2003), que considera droga toda e qualquer substância que, introduzida no organismo vivo, modifica suas funções. Dentro desta definição, as drogas são observadas como substâncias capazes de atenuar o sofrimento psíquico ou provocar sensação de prazer, mesmo que temporariamente e artificialmente. Ainda, é importante destacar que as representações acerca do uso de substâncias químicas classificam este hábito como uma prática marginal, da mesma forma que o usuário tende a ser visto como alguém que possui um “caráter questionável”. Para as finalidades deste artigo, destacarei questões referentes às drogas ilícitas e ao álcool, visto que o público usuário de tais substâncias constitui a totalidade dos indivíduos atendidos nas CT's onde realizei as entrevistas. No que se refere ao conceito de dependência química, usarei a definição empregada pela Organização Mundial de Saúde (1993): um padrão de uso de substâncias psicotrópicas que causa danos à saúde.

## 2 | TRAJETÓRIAS MASCULINAS

Muitos são os estudos dedicados às configurações da dominação masculina enraizada em diferentes sociedades. Os apontamentos sobre as consequências históricas da desigualdade de gênero indicam que a figura feminina acaba por sofrer uma série de fatores negativos que colocam as mulheres em uma posição social e culturalmente geograficamente isolados, onde indivíduos dependentes químicos passam a residir temporariamente para alcançar a reabilitação.

desfavorável em relação aos homens (BOURDIEU, 2007). Contudo, existe um aspecto muito importante na estrutura da dominação masculina que acaba sendo negligenciado nas análises mais superficiais sobre o fenômeno, negligência essa que ocorre justamente em função da priorização da observação dos efeitos desta opressão apenas sobre as mulheres.

Tal aspecto trata-se das implicações que a dominação masculina possui para os próprios homens que a exercem, tornando-os, muitas vezes, indivíduos oprimidos dentro das próprias relações de opressão que desenvolvem. Dessa forma, como nos diz Kimmel (*Apud* KNAUTH et al, 2005), é necessário “reconhecer que os homens, embora estejam no polo dominante destas relações, se encontram também submetidos a um conjunto de constrangimentos sociais que impõem, por sua vez, padrões bastante estritos de concepções e comportamentos”.

A submissão dos homens e seus padrões de gênero no âmbito da dominação masculina podem ser percebidos claramente no que diz respeito às tendências de comportamento frente ao uso de drogas lícitas e ilícitas. Pesquisas apontam que o consumo abusivo de álcool e de drogas ilícitas é bem maior entre os homens que entre as mulheres, o que, conseqüentemente, pode levar a população masculina a desenvolver um maior número de problemas relacionados com dependência química do que o conjunto feminino (KNAUTH et al, 2005). De fato, o estímulo ao uso de drogas (sejam lícitas ou ilícitas) afeta com muito mais força o público masculino do que o público feminino. Esta correlação está associada aos diferentes padrões de gênero que, na sociedade ocidental moderna, aproximam os homens de comportamentos identificados com a “essência da masculinidade” como, por exemplo, o incentivo à adoção de condutas de risco frente ao uso de substâncias entorpecentes de várias espécies (KNAUTH, 1998) e à iniciação sexual precoce (SILVA et al, 2015).

A correlação entre população masculina e maior consumo de substâncias entorpecentes serve perfeitamente para ilustrar um dos eventos onde a vulnerabilidade masculina se apresenta de forma explícita. O exercício da “liberdade” acaba por incentivar comportamentos adotados como essenciais para a construção de um perfil de masculinidade hegemônica que subordina os homens dentro das relações de gênero. Em função dos valores e práticas que estruturam a constituição da masculinidade tal como ela se apresenta na sociedade ocidental moderna, a figura masculina mostra-se atravessada pelo incentivo à tomada de posturas capazes de colocar os homens em um grupo mais propenso ao desenvolvimento de comportamentos de risco. Assim, seguindo as orientações de Moraes, temos que:

Para dar exemplos concretos, poderíamos dizer que a socialização pelas quais os homens passam valoriza os comportamentos de exposição e superação de riscos, de provisão financeira da família, de expressão de poder por meio da violência. Sendo assim, é provável que a questão da socialização dos homens, atrelada e indissociada de outras, seja importante para compreender por que



tantos homens jovens negros e pobres estão envolvidos com o comércio de drogas ilegais e por que tantos deles matam e morrem a cada dia (MORAES, 2010, p.17).

A maior vulnerabilidade masculina frente ao uso abusivo de substâncias entorpecentes acaba por constituir-se em um fenômeno concomitante ao maior envolvimento direto ou indireto de homens com o tráfico de drogas<sup>2</sup>. Neste sentido, Zaluar (2004) enfatiza a dificuldade da separação entre os perfis de traficantes e usuários, sobretudo quando se observa o conjunto masculino. Isto ocorre porque, muitas vezes, o usuário de entorpecentes acaba por se envolver na prática do tráfico de drogas como uma forma mais rápida de conseguir recursos e acesso imediato às drogas utilizadas para manter o vício.

Os dados obtidos através das entrevistas realizadas com internos das CT 1 e CT 2 fortalecem os apontamentos feitos por Zaluar, uma vez que demonstram o quão forte pode ser a ligação entre o uso de entorpecentes e o tráfico de drogas. A ampla maioria dos entrevistados (dezoito deles) relatou que esteve envolvida com práticas criminosas durante o período em que fizeram uso abusivo de substâncias entorpecentes e, entre as práticas criminosas mais citadas, estão aquelas vinculadas ao tráfico de drogas, direta ou indiretamente. Seja atuando na venda de drogas no varejo, na contabilidade da *boca de fumo* ou na gerência dos negócios do narcotráfico, muitos dos entrevistados disseram que sua inserção no tráfico de drogas fora algo associado ao desenvolvimento da dependência química. Deste modo, o consumo de substâncias entorpecentes pode ser identificado como um fator extremamente forte para a entrada dos entrevistados na rede de distribuição e venda de drogas ilícitas.

Em suma, o envolvimento com o tráfico de drogas fora caracterizado pelos entrevistados como uma das estratégias acionadas para garantir os recursos necessários para obter entorpecentes<sup>3</sup>. Torna-se necessário sublinhar que a atuação no narcotráfico constitui a prática criminosa mais comum, mas não a única, de se conseguir meios que possibilitem o consumo de drogas. Também fora comum encontrar nos relatos dos entrevistados menções à prática de crimes como roubo e furto, ambos impetrados com o intuito de arregimentar recursos para a compra de entorpecentes.

Roberto<sup>4</sup>, 35 anos, relatou em sua entrevista que esteve associado ao tráfico de drogas, assim como cometeu outra série de crimes, quando era usuário de drogas. De acordo com o entrevistado, todas estas práticas criminosas eram realizadas com o objetivo de conseguir meios para obter drogas. No âmbito de sua inserção do narcotráfico, Roberto disse que nunca ocupou posição de grande destaque na hierarquia de traficantes. Sua

2 Os dados apresentados por Ribeiro, Rocha e Couto (2017) revelam que no estado do Rio de Janeiro, os indivíduos presos pelo delito de “tráfico de drogas e condutas afins” se dividem percentualmente entre 79,3% de homens e 20,7% mulheres.

3 Dentre as outras fontes de renda relatadas pelos internos entrevistados, três deles disseram realizar trabalhos esporádicos e/ou contar com a ajuda de familiares, amigos e parceira(o), enquanto os demais (quatro indivíduos) relataram que possuíam trabalho regular com carteira assinada.

4 Todos os nomes de internos mencionados neste artigo são fictícios.

função era apenas de vendedor varejista de pequenos volumes de entorpecentes. Aliás, cabe destacar que entre os internos entrevistados na CT 1 e na CT 2 nenhum deles declarou ter exercido função de grande monta na rede do narcotráfico, mas apenas atividades vistas como “menores”, como a descrita por Roberto. Ao falar sobre sua atuação no tráfico de drogas, Roberto nos diz que:

O meio do uso de drogas é muito promíscuo, em todos os sentidos. Quando você começa a usar droga você é levado a esse tipo de coisa, por isso que é difícil você encontrar alguém que tenha usado droga muito tempo e não tenha roubado alguém, que não tenha vendido droga para conseguir dinheiro. No meu caso, eu queria ter dinheiro, drogas e mulheres, e por isso me envolvi com roubo, furto e tráfico de drogas. E eu acabei sendo preso por roubo várias vezes (Roberto, 35 anos, interno da CT 1).

Ainda no que tange ao maior envolvimento de homens no tráfico de drogas, deve-se citar que este fenômeno possui como uma de suas consequências imediatas o incremento da população masculina em detenção no sistema carcerário<sup>5</sup>. Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2017), 26% dos homens privados de liberdade foi condenado ou aguarda julgamento pelo crime de tráfico de drogas. Assim, juntamente com o crime de roubo<sup>6</sup>, o tráfico de drogas constitui atualmente um dos maiores motivos para a inclusão de homens no sistema carcerário. Esta informação reverbera de forma significativa nos dados coletados nas entrevistas realizadas com os internos da CT 1 e da CT 2. Deve-se destacar que dez dos entrevistados disseram ser egressos do sistema penitenciário, sendo a prática de tráfico de drogas e condutas afins o motivo relatado para a privação de liberdade de oito deles.

Nota-se que o narcotráfico exerce uma forte atração sobre a população masculina. Isto se deve a uma série de fatores e diversos pesquisadores já dedicaram páginas de estudos sobre este fenômeno. Autores como Misse (1999), Velho (1998) e Zaluar (2004) indicam com bastante propriedade o quanto as histórias do tráfico de drogas nas favelas da cidade do Rio de Janeiro são predominantemente protagonizadas pela figura masculina. E, ainda que exista uma significativa participação feminina na rede do narcotráfico (BARCINSKI, 2012), quando se compara a atuação de homens e mulheres no âmbito do tráfico de drogas, os primeiros se destacam substancialmente.

Sobretudo no que tange aos jovens oriundos de áreas de favela, a carência econômica vivenciada e a falta de opções imediatas que atendam às expectativas de inclusão no mercado formal de trabalho auxilia na construção de um panorama no qual iniciar carreira no tráfico de drogas surge como o caminho mais viável (SILVA & GRANER-

---

5 No entanto, Campos (2015) destaca que, embora os homens sejam a maioria no conjunto de indivíduos envolvidos no tráfico de drogas, as mulheres possuem chances 2,3 vezes mais elevadas de serem incriminadas por esta prática criminosa.

6 Tal como no que tange ao crime de tráfico de drogas, 26% dos homens privados de liberdade foram condenados ou aguardam julgamento pelo crime de roubo (LEVANTAMENTO NACIONAL DE INFORMAÇÕES PENITENCIÁRIAS, 2017).

ARAÚJO, 2011). A absorção pelo narcotráfico, justamente por não ser muito criteriosa e por oferecer remuneração elevada desde o início, acaba sendo mais atrativa do que o exercício de qualquer outra atividade profissional no mercado formal ou informal. Deste modo, como nos diz Meirelles & Ruzany,

O contexto de vida das favelas da cidade do Rio de Janeiro se estabelece a partir das desigualdades sociais, em que os jovens do sexo masculino são constantemente desafiados a buscar formas de sobrevivência dentro do enfrentamento diário das múltiplas ameaças em seu cotidiano. Uma das poucas alternativas de trabalho encontradas por esse segmento é o mercado varejista do tráfico de drogas. São jovens que manifestam uma cultura machista impregnada pela lei do crime organizado (MEIRELLES & RUZANY, 2009, p.9).

Entre os elementos envolvidos na inclusão crescente da população masculina no tráfico de drogas, tem-se que, segundo Meirelles & Ruzany (2009), a prática criminosa do narcotráfico apresenta um incremento de masculinidade não encontrado em outras esferas da vida pública dos jovens das camadas mais populares. Estar incluso na hierarquia do tráfico de drogas traz como benefício ao jovem rapaz a possibilidade de ser admirado pelos demais indivíduos que estão em posições inferiores na escala de poder, ao mesmo tempo em que se pode usufruir da atração que o “homem armado” exerce sobre determinado perfil de mulheres.

Dentro desta configuração social específica, o tráfico de drogas é percebido como um espaço de virilidade e *status*, e o envolvimento nesta atividade criminosa acaba por funcionar como um mecanismo de confirmação da masculinidade diante dos demais membros do grupo social. Assim, neste contexto, a masculinidade está diretamente vinculada à sua posição na hierarquia do tráfico, ou seja, a função que ele ocupa determina as suas possibilidades de ganhos financeiros, posse de armamento e relacionamentos com várias mulheres simultaneamente (MEIRELLES & RUZANY, 2009).

Todos os fatores relatados acima que caracterizam o envolvimento de homens com o narcotráfico são componentes indispensáveis para a melhor compreensão do fenômeno em tela. No que tange ao objeto de estudo elegido na pesquisa aqui apresentada, é interessante notar que a conjuntura de elementos relacionados ao binômio *homens e drogas* é igualmente encontrada nos relatos obtidos através das entrevistas com os internos da CT 1 e da CT 2. Isto demonstra o quanto estes relatos individuais estão inseridos dentro de uma realidade global que se revela atravessada por questões que afetam com bastante força um segmento específico da sociedade. Assim sendo, analisar em minúcia as motivações expostas pelos entrevistados a respeito de sua inserção – seja apenas como usuário ou não – no mundo das drogas, trata-se de uma forma de incluir estas trajetórias individuais em um contexto global.

Voltemo-nos para a análise dos motivos que levaram os homens entrevistados a iniciarem o uso de substâncias entorpecentes. Segundo pesquisas voltadas para os

padrões de gênero no que diz respeito ao consumo de drogas, além do gênero constituir um grande influenciador na escolha da substância a ser usada, ele também atua como um fator interferente sobre os motivos e o padrão de uso dessas substâncias. Entre os homens, por exemplo, o consumo de álcool é feito para melhorar o suporte e a interação social, enquanto entre as mulheres tem o propósito central de aliviar as insatisfações gerais da vida (ANDRADE, DUARTE & OLIVEIRA, 2010).

Observando os relatos dos internos é possível identificar o uso de drogas como um fenômeno ligado à preocupação em ter bom desempenho na interação social. Dessa forma, fora recorrente nas falas dos internos a menção ao fato de que o início do uso de drogas ocorreu como uma maneira de se aproximar mais facilmente de algum grupo considerado socialmente importante e, posteriormente, ser aceito como um membro legítimo do mesmo. Aqui, o papel exercido pelo amigo que apresenta a droga para o indivíduo é fundamental, pois é ele que irá não só trazer o entorpecente, como também irá incentivar o uso da substância<sup>7</sup>. Neste primeiro momento, o uso de drogas ainda se trata apenas de uma atividade recreativa e sazonal feita no seio do grupo de amigos que igualmente utilizam entorpecentes e ainda não tem os ares de dependência química instalada no organismo.

Alguns relatos são especialmente ilustrativos sobre este aspecto do início do comportamento de risco que acaba por levar à dependência química. Luiz, 23 anos e interno da CT 1 destacou em seu relato que começou a usar drogas em função de sua vontade de ser aceito no grupo que considerava proeminente na favela em que vivia durante sua adolescência. Segundo o entrevistado, até aquele momento ele nunca havia manifestado curiosidade suficiente que o fizesse ter interesse por entorpecentes ilícitos. Contudo, isto mudou a partir do momento em que o uso de drogas passou a ser um critério – sob sua própria ótica - para que pudesse se aproximar e efetivamente participar do grupo que tanto admirava.

Eu não queria ficar de lado, eu queria que as pessoas me achassem legal. Se eu pudesse voltar no tempo não teria sido tão idiota, mas naquela época eu achava isso tão importante que nem ligava se a droga ia me matar ou não. Eu queria ser o “cara” para as pessoas me olharem me admirando, e foi por causa dessas amizades do mal que eu quase morri (Luiz, 23 anos, interno da CT 1).

Igualmente, Carlos, 45 anos e interno da CT 2, relatou que começou a usar drogas sob interferência direta de amigos. A preocupação em ser bem visto entre aqueles que considerava ter alta popularidade o levou, ainda na adolescência, a usar drogas lícitas como cigarro de tabaco e álcool. No entanto, a necessidade de se mostrar uma pessoa ainda mais interessante frente aos demais fez com que outras drogas, mais fortes e de uso ilegal, fossem acrescentadas ao rol de substâncias consumidas. Assim, os indivíduos que, na entrevista de Carlos, foram identificados como “mensageiros do diabo” teriam sido os

<sup>7</sup> O trabalho de Cardoso & Malbergier (2014) traz uma série de dados que demonstram o papel que os amigos exercem quando da decisão por usar drogas.

grandes incentivadores do hábito que, posteriormente, se transformaria na dependência química de vários entorpecentes.

Ivo, 29 anos e interno da CT 2, teve uma trajetória de vida semelhante a de Carlos e Luiz. Os amigos admirados por terem notoriedade no bairro em que Ivo morava durante a adolescência serviram de modelos a serem seguidos no intuito de alcançar a visibilidade que tanto desejava. Tal como o entrevistado relatou, os primeiros passos em direção ao uso abusivo de drogas foram dados de maneira sutil, através de cigarros de tabaco e álcool consumidos entre amigos. Todavia, a curiosidade e o estímulo de terceiros mobilizaram Ivo no sentido de experimentar drogas ilícitas, como maconha, cocaína e *crack*. Em sua avaliação retrospectiva, é interessante notar que Ivo mostra-se ciente da influência exercida por terceiros no desenvolvimento inicial do comportamento que posteriormente se tornaria dependência química.

Eu comecei igual a todo mundo, fumando um cigarro de um amigo aqui, tomando uma bebida ali. Nisso eu tinha uns quatorze anos, mas com o tempo eu fui querendo experimentar coisas novas, foi aí que eu comecei a fumar maconha com uns amigos que cresceram comigo no mesmo bairro. Nem preciso dizer o que aconteceu depois. Fui da maconha para cocaína e pro *crack* bem rapidinho, porque eu tinha a influência das pessoas que andavam comigo naquela época (Ivo, 29 anos, interno da CT 2).

Nos relatos dos entrevistados existem exceções quanto aos motivos apontados para o uso de drogas. Nem todo o conjunto de entrevistados do sexo masculino iniciou o consumo abusivo de drogas visando puramente melhorar o desempenho na interação social. À contramão dos casos expostos acima está o caso de Antônio, 32 anos e interno da CT 1, que relatou em sua entrevista ter iniciado o uso de drogas motivado por um momento de depressão profunda que atravessou durante sua adolescência.

Segundo o entrevistado, o falecimento de sua mãe quando ele tinha apenas 16 anos de idade, fez com que se sentisse deprimido e sem nenhuma perspectiva para o futuro que o pudesse inspirar. Esta situação se tornou ainda pior quando Antônio foi obrigado a viver com seu pai, uma figura descrita como excessivamente autoritária e, em alguns momentos, violenta e intransigente com seus filhos. Diante de toda esta conjuntura desanimadora, Antônio relata que encontrou nas drogas uma válvula de escape, onde todos os seus problemas pareciam menores e sem importância. A dependência química não tardou a acontecer, e pouco tempo depois Antônio se tornou um usuário abusivo de cocaína e maconha.

Outra questão pertinente para o consumo abusivo de drogas trata da profissão exercida pelos entrevistados antes de ingressarem no tratamento contra a dependência química. Estudos apontam que uma das motivações contemporâneas mais veementes que levam ao uso de substâncias entorpecentes e ao desenvolvimento de dependência química está ligada à esfera da atividade profissional. Fatores como excesso de trabalho,



necessidade de apresentar um desempenho cada vez melhor, medo de demissão, falta de controle na execução de tarefas e conflitos interpessoais levam muitos indivíduos ao estresse e, como uma possibilidade de fuga deste, ao consumo abusivo de drogas<sup>8</sup>. De fato, os dados coletados através das entrevistas com os internos indicam que este panorama engloba parte do público atendido pela CT 1 e pela CT 2.

Quatro entrevistados relataram que atuaram como profissionais em segmentos que exigiam jornadas de trabalho muito cansativas e que, muitas vezes, eram executadas no turno noturno. As profissões descritas nestes relatos são a de motorista de ônibus, caminhoneiro, segurança patrimonial e a de motorista de caminhão de coleta de lixo<sup>9</sup>. Aqui torna-se importante destacar que, no âmbito do uso de drogas no exercício de atividades laborais, existe uma distinção interessante entre aquele que seria o uso funcional da droga contra o que pode ser classificado como uso disfuncional de entorpecentes. De acordo com Fontaine (2006) o uso funcional da droga diz respeito à condição na qual o profissional encontra, através da substância química, meios para melhor lidar com as exigências impostas pelas suas tarefas e para permanecer no exercício pleno de suas funções. Por outro lado, o uso disfuncional de substâncias químicas indica uma circunstância na qual o uso de drogas deixa de ser funcional para se transformar em dependência química instalada no organismo. Desta forma, como nos diz Lima (2010), no que tange ao uso disfuncional de entorpecentes,

A droga deixa de ser um meio ou recurso a mais para o indivíduo lidar com suas dificuldades, tornando-se um fim em si mesmo. Neste caso, ao invés de auxiliá-lo no enfrentamento dos seus problemas, é a própria substância que passa a representar um problema a ser enfrentado (LIMA, 2010, p.265).

De acordo com os relatos dos entrevistados que disseram usar drogas no ambiente de trabalho, temos uma escalada gradativa que leva estes indivíduos do uso funcional para o uso disfuncional das drogas. Embora nenhum dos entrevistados em questão tenha iniciado o uso de drogas exclusivamente com a intenção de obter melhor desempenho no exercício de suas funções laborais, a intensificação do uso de entorpecentes ocorreu, sobretudo, por influência de questões que envolviam as atividades profissionais.

Thomas, 55 anos e interno da CT 1, relatou em sua entrevista que exerceu a função de motorista de ônibus durante 15 anos na cidade do Rio de Janeiro. Ao longo deste período o entrevistado fez uso recreativo de algumas drogas, como maconha e cocaína, mas não se sentia dependente destas substâncias. Todavia, após ser transferido definitivamente para o turno da noite na empresa em que trabalhava, Thomas se deparou com uma nova condição

8 Os resultados publicados da pesquisa realizada pela International Stress Management Association do Brasil (Isma-BR) com mil executivos de São Paulo e Porto Alegre nos mostram que 57% deles recorrem ao uso de álcool, drogas e/ou medicamentos para suportar o estresse da rotina. (Disponível em: <http://brasil100censura.com.br/>. Acesso em: 26 jan. 2018).

9 O levantamento bibliográfico sobre a relação entre o uso de drogas e o trabalho feito por Félix Junior, Schlindwein & Calheiros (2016) indica pesquisas que corroboram o dado de que os profissionais identificados nesta pesquisa compõem o conjunto de profissionais com maior probabilidade de usar drogas sistematicamente e abusivamente.

de trabalho na qual precisava de algum tipo de estímulo que o permitisse se manter no pleno exercício de suas funções. Neste ponto a cocaína pareceu ser o recurso ideal para o entrevistado, que começou a usar a substância com mais frequência, chegando a consumir a droga várias vezes na mesma noite. A pressuposição de que a cocaína ajudaria o entrevistado a encarar suas novas condições de trabalho foi fortalecida pelo fato de que o uso de tal estratégia, segundo Thomas, é bastante comum entre motoristas de ônibus que atuam nos horários mais avançados da noite.

Para quem trabalha na noite é muito fácil conseguir todo tipo de droga. E não vem me falar que fulano trabalha de noite de cara limpa que não tá, não tem como. Se você trabalha de noite vai acabar usando alguma coisa para aguentar o tranco porque é muito difícil ficar aceso a noite toda. Chega uma hora que o sono toma conta da gente de uma forma que você não faz ideia. (Thomas, 55 anos, interno da CT 1).

Assim sendo, o consumo mais intenso da cocaína visava manter o estado de alerta necessário a um indivíduo que atuava como motorista por muitas horas. No entanto, não tardou para que o uso sistemático da droga revelasse uma condição de dependência química, inclusive fazendo com que o entrevistado consumisse a substância mesmo quando não estava em horário de serviço. A facilidade de acesso aos pontos de venda de drogas igualmente fora indicada como um fator que colaborou para que o entrevistado usasse cada vez mais cocaína. Uma vez que a linha de ônibus na qual Thomas trabalhava incluía em seu itinerário as redondezas de algumas favelas da zona norte do Rio de Janeiro, não era necessário muito esforço para que o entrevistado pudesse obter a droga durante sua jornada laboral. Desta forma, pode-se perceber no relato de Thomas que o uso funcional da droga se desdobrou em um uso disfuncional acarretado pelo desenvolvimento da dependência química.

Jorge, 46 anos e interno da CT 2, relatou em sua entrevista uma história parecida com a de Thomas. Ao longo de sua atuação durante cinco anos como motorista de caminhão de coleta de lixo na cidade do Rio de Janeiro, Jorge diz que sua relação com substâncias entorpecentes mudou quando sua jornada de trabalho passou a ser executada nos turnos da noite. Jorge relata que os longos períodos que passava na direção do caminhão o deixavam extremamente cansado, o que poderia colocar em risco não só a execução de trabalho, como também sua vida e a dos demais profissionais que trabalhavam com ele. Ao mesmo tempo, Jorge diz que teve muitas dificuldades de se adaptar à nova rotina de trabalho noturno, uma vez que ele não conseguia descansar satisfatoriamente durante o dia. Todo este panorama foi decisivo para que Jorge optasse pelo uso sistemático de algo que o deixasse em estado de alerta por mais tempo. E, neste contexto, Jorge passou a usar cocaína com uma frequência maior do que já usava anteriormente, além de começar a usar rebite seguindo as recomendações de colegas de trabalho. De acordo com o entrevistado, os problemas relativos ao uso constante de cocaína começaram a aparecer quando

alterações radicais de humor e comportamento se tornaram frequentes. Por conseguinte, Jorge fora instruído pelo seu supervisor a se afastar de suas atividades e procurar ajuda específica para sua dependência química.

Olha irmãzinha, não sou nem o primeiro nem o último da [empresa de coleta de lixo] a trabalhar trincado<sup>10</sup>. Todo mundo que trabalha no caminhão de noite passa por isso. Eu até brinco, quando você vê um [empregado da empresa de coleta de lixo] trabalhando muito feliz a noite, pode ter certeza de que ele não está puro (Jorge, interno da CT2).

Por fim, no que diz respeito ao momento em que estes indivíduos decidem buscar tratamento contra a dependência química é possível sublinhar alguns aspectos que atravessam os relatos dos entrevistados e que merecem notoriedade pela recorrência que apresentam nas entrevistas. O primeiro destes aspectos trata do estado físico e psicológico deploráveis dos entrevistados depois de um longo período sob o uso abusivo de entorpecentes. Tal desgaste provoca a perda do controle sobre os próprios atos, que é descrita como o momento chave para o início da conscientização da necessidade de tratamento contra a dependência química. A ausência de autocontrole surge como um momento decisivo, sobretudo pelo fato de que esta perda do controle sobre os próprios atos leva os indivíduos a cometerem exageros em estado de completa inconsciência. Isto caracteriza a situação descrita pelos internos como “fundo do poço”, ou seja, condição na qual já não existe mais a possibilidade de prosseguir na prática das atividades rotineiras (como trabalhar, estudar etc.) e estabelecer uma convivência saudável com amigos e familiares. Para ajudar o indivíduo a se conscientizar sobre os exageros cometidos sob o efeito das drogas, amigos e familiares são apontados como peças-chave, pois são eles que se encarregam de promover um choque de realidade no dependente químico.

Eu usei crack durante seis meses, mas essa droga não teve tanto poder de destruição sobre mim como a cocaína. Quando eu usava crack eu me preocupava em tomar banho, em voltar para casa. O crack nunca me deixou em uma situação de mendicância, como a cocaína. E foi assim que minha atual namorada me reencontrou depois de dias que eu estava sumido. Ela nem acreditou quando me viu naquela situação, mas ela conversou comigo e me disse: você tem que se tratar, isso não é vida para você levar. E foi ela que me mandou buscar tratamento aqui (Lucas, 48 anos, interno da CT 1).

No meu caso eu era viciado mesmo só em álcool. Só usava cocaína e maconha as vezes, mas não era viciado, porque depois me explicaram que viciado mesmo precisa da droga todo dia para viver, e eu ficava as vezes uma semana inteira sem cheirar, mas bebia todo dia sem parar. Quando eu bebia eu saía de mim, virava outra pessoa e ficava muito diferente. Meu comportamento não era o mesmo, eu ficava agressivo sem querer e quebrava as coisas dentro de casa só por raiva, nem tinha motivo. Mas era a bebida que fazia isso comigo, me deixa transformado em um monstro. Eu mesmo não tinha tanta noção das coisas que eu fazia quando estava bêbado e nem da forma como a minha

---

10 *Trincado* trata-se de uma gíria que quer dizer “sob efeito de drogas”.

família sofria quando eu ficava naquele estado. Se não fossem as pessoas que me amam me falarem que eu estava exagerando e que ninguém mais aguentava ficar perto de mim quando eu começava a beber, acho que eu estava até hoje no vício maldito sem imaginar que a bebida estava destruindo a minha família (Denis, 21 anos, interno da CT 2).

O momento de degradação provocado pelo uso abusivo de drogas, associado à prática de atividades marginais é outro ponto que interliga as histórias relatadas pelos homens entrevistados. Situações limite, como ameaças de morte feita por traficantes que cobravam dívidas da compra de drogas, disputas territoriais envolvendo os entrevistados<sup>11</sup> e traficantes de facções rivais ou o medo de ser morto em alguma investida policial<sup>12</sup> parecem ser decisivos para a tomada da decisão de largar o vício de drogas. Desta forma, pode-se dizer que entre as motivações mais fortes que levam estes indivíduos a buscarem internação está aquela ligada ao medo da morte, mais especificamente o medo da morte violenta a tiros. Neste contexto, a uso de drogas não ameaça a vida na mesma proporção que as investidas impetradas por outros atores envolvidos na rede de combate, consumo e venda de drogas.

Vi tanto amigo meu morrer que até perdi a conta. Dos moleques que cresceram comigo lá em (nome de uma favela da cidade do Rio de Janeiro) eu acho que só eu e um primo meu que conseguimos sair com vida, porque lá quase toda semana tinha um deitado no morro. Se não eram os traficantes que mandava matar, era a própria polícia que fazia o serviço. Se pegavam os caras com arma e droga já sabia que ia para vala, só não ia se tivesse um arrego muito forte para dar para eles (os policiais). Aí eu fui vendo tudo isso, minha vida já estava um inferno porque eu nunca sabia se eu ia estar vivo no outro dia, se eu ia conseguir um dia sair daquela vida de usar droga. E quando mataram meu irmão, eu fiquei quase maluco. Na minha cabeça eu ficava pensando que podia ser eu no lugar dele, porque a gente só andava junto, a gente usava (drogas) juntos e fazia as correrias<sup>13</sup> tudo junto também. Isso daí abriu os meus olhos (Mizael, 29 anos, interno da CT 2).

O temor causado pela possibilidade de sofrer uma morte violenta que leva estes indivíduos a buscarem tratamento para a dependência química fica ainda mais claro quando eles relatam situações nas quais seus amigos, também dependentes químicos, foram vítimas de morte a tiros. Estes casos são relatados como uma forma de ilustrar uma história onde o personagem principal poderia ser o entrevistado, mas que, por sorte, não é.

### 3 | CONCLUSÃO

A análise dos dados expostos acima permite concluir que existe uma série de fatores, sejam eles culturais ou sociais, que tornam a trajetória masculina no uso de drogas bastante peculiar.

<sup>11</sup> Nos casos em que os entrevistados também atuaram no narcotráfico.

<sup>12</sup> Nos casos em que os entrevistados exerciam atividades marginais.

<sup>13</sup> *Correria* trata-se de uma gíria para se referir a assalto ou furto.

A aproximação entre uso e tráfico de drogas parece tão intensa que, muitas vezes, é quase impossível separar uma coisa da outra. Isso se deve ao fato de que o envolvimento com o narcotráfico ajuda, por várias vias, no atendimento das necessidades colocadas pela dependência química instalada no organismo. E assim, dentro de uma relação cíclica na qual os componentes se retroalimentam mútua e continuamente, o uso de drogas e o narcotráfico revelam sua coexistência. Principalmente quando tratamos dos extratos mais baixos da sociedade, torna-se ainda mais comum encontrarmos usuários de drogas que ocupam as mais diversas funções na rede de venda de entorpecentes ilícitos. A constatação da existência desta associação não causa espanto se o panorama que serve de pano de fundo é analisado com o mínimo de minúcia. Tendo em vista que as possibilidades de se conseguir a droga são menores para indivíduos das camadas mais baixas, a via oferecida pela prática do tráfico surge como a mais conveniente e eficiente.

Por fim, vimos que a trajetória masculina no que diz respeito à participação em atividades do narcotráfico e outras atividades marginais, ao desenvolvimento da dependência química e a busca por recuperação mostram muitas peculiaridades. Dessa forma, para a construção de políticas públicas de qualidade e eficazes voltadas para usuários problemáticos de drogas deve-se levar em extrema consideração tais singularidades. Além disso, torna-se de suma importância que pesquisadores dedicados à compreensão do fenômeno da dependência química dediquem páginas de estudos à temática específica dos homens adictos. Somente assim pode-se garantir que uma evolução real na qualidade e possibilidades de atendimento aos dependentes químicos seja plenamente alcançada.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arthur; DUARTE, Paulina; OLIVEIRA, Lúcio G. **I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.

BARCINSKI, Mariana. Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 5, nº 1, São Leopoldo, 2012, p.52-61.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília, DF, 2003.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Levantamento nacional de informações penitenciárias**. Departamento Penitenciário Nacional, Brasília, 2017.

CAMPOS, Marcelo. **Pela metade: as principais implicações da Nova Lei de Drogas no sistema de justiça criminal em São Paulo**. Tese de Doutorado, Direito, Universidade de São Paulo, 2015.

CARDOSO, Luciana Roberta Donola; MALBERGIER, André. A influência dos amigos no consumo de drogas entre adolescentes. **Estudos de Psicologia**, v. 31, nº 1, Campinas, mar/2014, p.65-74.

FONTAINE, Astrid. **Double vie – les drogues et le travail**. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2006.

FELIX JUNIOR, Itamar José; SCHLINDWEIN, Vanderléia de Lurdes Dal Castel; CALHEIROS, Paulo Renato Vitória. A relação entre o uso de drogas e o trabalho: uma revisão de literatura PSI. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 16, nº 1, jul/2016, p.104-122.

KNAUTH, Daniela. Morte Masculina: homens portadores do vírus da Aids sob a perspectiva feminina. In: Luiz Fernando Dias Duarte; Ondina Fachel Leal. (Org.). **Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

\_\_\_\_\_; VÍCTORA, Ceres; LEAL, Andréa. Liberdade, sexo e drogas: a vulnerabilidade de homens jovens de camadas populares. In: ADORNO, Rubens; ALVARENGA, Augusta e VASCONCELLOS, Maria da Penha. **Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos**. São Paulo: Edusp, 2005.

LIMA, Maria Elizabeth. Dependência química e trabalho: uso funcional e disfuncional de drogas nos contextos laborais. **Revista brasileira de Saúde ocupacional**, v. 35, nº 122, 2010, p.260-268.

MEIRELLES, Zilah; RUZANY, Maria Helena. 2014. Tráfico de drogas, masculinidades, relação de gênero e risco de DST/AIDS. *Revista Adolescência & Saúde*, v. 6, nº1, 2014, p. 9 – 14.

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos: acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, Sociologia, Universidade Cândido Mendes, 1999.

MORAES, Maristela. Gênero e usos de drogas: por que é importante articular esses temas? In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Denis (Org). **Gênero e drogas**: Recife: Instituto PAPAÍ, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Glossário de álcool e drogas** (J. M. Bertolote, Trad.). Brasília: Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, 2006

\_\_\_\_\_. **Classificação de transtornos mentais e de comportamentos da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

RIBEIRO, Ludmila; ROCHA, Rafael; COUTO, VINÍCIUS ASSIS. Nas malhas da justiça: uma análise dos dados oficiais de indiciados por drogas em Belo Horizonte (2008-2015). **Opinião Pública**, v. 23, Campinas, 2017, p.397-428.

SILVA, Aniel de Sarom Negrão et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saude**, v. 6, nº 3, Ananindeua, set/2015, p.27-34.

SILVA, Nelson; GRANER-ARAUJO, Renata. O adolescente, tráfico de drogas e função paterna. **Rev. psicol. polít.**, v. 11, nº 21, 2008, p.141-158.



SMILDE, David. **Razão para Crer**: agência cultural no movimento evangélico latino-americano. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

VELHO, Gilberto. **Nobres e Anjos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2004.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ancestralidade 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 75

Antropologia 1, 2, 18, 20, 38, 41, 42, 43, 44, 62, 63, 66, 74, 96, 114, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 151, 152, 153, 158

### C

Comunidade quilombola 64, 65, 71, 73, 75

Consumismo 139, 140, 147, 148

Consumo 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 121, 122, 123, 131, 134, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149

Cultura 10, 12, 15, 18, 19, 29, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 75, 76, 81, 96, 102, 114, 116, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 135, 136, 142, 143, 146, 147, 148, 150, 151, 160, 165, 166

### D

Dependência química 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Drogas 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

### E

Estado 6, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 52, 56, 61, 62, 66, 91, 93, 95, 97, 100, 106, 107, 108, 110, 112, 113, 118, 131, 132, 154, 155, 158, 161, 163, 165, 166

Etnicidades 8, 9, 10, 11, 14, 16, 17, 18, 19

Etnógrafos 1, 3

### F

Formas simbólicas 8, 9, 10, 15, 18

### G

Gênero 9, 20, 21, 22, 24, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 97, 98, 99, 103, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 142, 165

### I

Identidade étnica 8, 10, 11, 19

### J

Jovens 1, 56, 57, 69, 100, 101, 102, 110, 160, 162

## **M**

Mar 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 110

Mudanças climáticas 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 59

## **N**

Natureza 3, 6, 10, 12, 21, 25, 29, 35, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 58, 70, 73, 116, 117, 118, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144

## **O**

Ontologia Tsonga-Tumbuluko 52

## **P**

Pesquisa de campo 64, 98

## **R**

Recursos naturais 124, 125, 128, 131, 132, 134, 136

Redes locais de cuidado 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Reduccionismo 139

## **S**

Saber profissional 1, 2, 7

Sexo 20, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 102, 104, 110, 117, 118, 119, 122

## **T**

Transexualidade 20

## **V**

Virada ontológica 40, 42, 43, 48, 49




# A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 